

O IMPENSADO E O ÂMAGO DO DISCURSO POÉTICO

Erika Luiza PIZA *

“*Life lived us, not we life*”
Fernando Pessoa

RESUMO

No livro *As palavras e as coisas*, capítulo IX, “O homem e seus duplos”, o filósofo Michel Foucault aborda a questão da linguagem, do discurso que constitui o ser do homem. Partindo das considerações de Foucault sobre a linguagem e sobre outros aspectos pertinentes à filosofia moderna, proporemos, brevemente, uma relação entre o impensado e o discurso poético.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Linguagem. Filosofia. Discurso poético.

Tomemos como pressuposto para as considerações seguintes o livro de Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, e deste especificamente o capítulo IX, “O homem e seus duplos”. Nele observamos que o filósofo aborda a questão da linguagem, do discurso que constitui o ser do homem. Foucault entretece à linguagem outros aspectos pertinentes à filosofia moderna, a saber: a analítica da finitude; o empírico e o transcendental, e o *cogito* e o impensado. Pensemos, primeiramente, em algumas considerações de Foucault para, em seguida, tecermos breves reflexões sobre o impensado e o discurso especificamente poético.

No primeiro subtítulo do capítulo mencionado, “O retorno da linguagem”, o filósofo argumenta sobre o fato de todo pensamento filosófico contemporâneo se sustentar na questão sobre o ser da linguagem, ou seja, “como contorná-la para fazer aparecer em si mesma e em sua plenitude?” (FOUCAULT, 1999, p. 422), e declara que a essa e outras questões, pertinentes à filosofia contemporânea, ainda não se apresentou uma resposta plenamente satisfatória. No entanto, cabe a formulação de tais questões, a partir do momento em que se percebe a incompletude das vias que sustentaram toda a epistemologia concernente ao homem, quer dizer, ainda não há uma *epistémê* que trate especificamente do homem.

Podemos, a partir daí, pensar numa ausência da presença do homem, isto é, o homem, que está presente em tudo, está também, e ao mesmo tempo, ausente, no sentido de que ainda não se estabeleceu um pensamento ou uma configuração de pensamento que aborde a essência do homem. Dessa forma, Foucault faz a aproximação dessa ausência do homem com a ausência presente no quadro *Las meninas*, em que “Todas as linhas interiores do quadro e sobretudo aquelas que vêm do reflexo central apontam para aquilo mesmo que é representado mas que está ausente” (FOUCAULT, 1999, p. 424), e discorre sobre o fato de

* Mestre em Letras: Estudos Literários (UNESP, Araraquara, 2003). Doutoranda em Teoria e História Literária (UNICAMP).

[...] essa ausência não [ser] uma lacuna, salvo para o discurso que laboriosamente decompõe o quadro, pois ela não cessa jamais de ser habitada e de o ser realmente, como o provam a atenção do pintor representado, o respeito das personagens que o quadro figura, a presença da grande tela vista ao revês e nosso próprio olhar para quem esse quadro existe e para quem, do fundo do tempo, ele foi disposto. (FOUCAULT, 1999, p.424)

A partir desta observação, Foucault diz que o homem não existia antes do fim do século XVIII; refere-se ao fato de que o pensamento clássico que constituía a suposta essência do homem estava referendado pela gramática geral, pela história natural e pela análise das riquezas que, de certo modo, eram maneiras de reconhecer o homem. “Mas não havia consciência epistemológica do homem como tal” (FOUCAULT, 1999, p. 425).

Dessa forma o ser era, como ainda o é, capturado pelas malhas da representação, pelas categorias predicativas. Daí Foucault chamar a atenção para o fato de que, na *epistémê* clássica, as funções da “natureza” e da “natureza humana” opõem-se: “Uma implica um desarranjo de uma história para a constituição das paisagens atuais; a outra implica a comparação de elementos inatuais que desfazem a trama de uma sequência cronológica” (FOUCAULT, 1999, p.426). Apesar de se oporem, o que se vê é uma relação positiva entre elas; uma vez que lidam com elementos análogos, a saber, “(o mesmo, o contínuo, a imperceptível diferença, a sucessão sem ruptura)” (FOUCAULT, 1999, p.426).

Esse decurso ou método clássico se fundamenta na memória que, por sua vez, se mantém em tudo aquilo que existe para a experiência e se apresenta pela soberania de um discurso que tem o poder de representar sua representação. Vale lembrar que, ao apresentar uma construção linguística, *i. e.*, o ato de nomear

[...] a natureza humana, como dobra da representação sobre si mesma, transforma a sequência linear dos pensamentos numa tabela constante de seres parcialmente diferentes: o discurso em que ela reduplica suas representações e as manifesta liga-a à natureza. Inversamente, a cadeia dos seres é ligada à natureza humana pelo jogo da natureza: visto que o mundo real, tal como se dá aos olhares, não é o desenrolar puro e simples da cadeia fundamental dos seres, mas oferece-a em fragmentos misturados — repetidos e descontínuos —, a série das representações no espírito não é constringida a seguir o caminho contínuo das diferenças imperceptíveis; nela os extremos se encontram, as mesmas coisas se dão várias vezes; os traços idênticos se superpõem na memória; as diferenças eclodem. (FOUCAULT, 1999, p.426-7)

Assim o discurso se configura a partir da cadeia dos seres ao relacionar-se à natureza humana e à série das representações pelas categorias predicativas. Esse processo de comunicação entre a natureza e a natureza humana se sustenta, apesar de suas funções opostas, pela estrutura do saber e por seu funcionamento, de modo que “o homem, como realidade espessa e primeira,

como objeto difícil e sujeito soberano de todo conhecimento possível, não tem aí nenhum lugar” (FOUCAULT, 1999, p.427).

Devemos também nos lembrar de que o pensamento clássico aponta para o poder do discurso, da linguagem que nomeia, classifica e, sobretudo, rotula. O que interessa a essa linguagem é a transparência das palavras, ou seja, a linguagem inerente às funções da representação; esta não pode sugerir, antes tem que apontar, ou melhor, enquadrar; sendo então este o papel do discurso na constituição do pensamento clássico.

No tocante à analítica da finitude, Michel Foucault diz que o homem é dominado pelo trabalho, pela vida e pela linguagem, de forma que sua existência é determinada por estes três aspectos. Se sua existência tem essas determinações, então a finitude do homem se anuncia na positividade do saber. “Anunciada na positividade, a finitude do homem se perfila sob a forma paradoxal do indefinido; ela indica, mais que o rigor do limite, a monotonia do caminhar que, sem dúvida, não tem limite mas que talvez não seja sem esperança” (FOUCAULT, 1999, p.433).

Essa finitude, embasada em todas as positivities empíricas, “é marcada pela espacialidade do corpo, pela abertura do desejo e pelo tempo da linguagem” (FOUCAULT, 1999, p.434) e demonstra uma outra finitude, porque “nela o limite não se manifesta como determinação imposta ao homem do exterior (...), mas como finitude fundamental que só repousa sobre seu próprio fato e se abre para a positividade de todo limite concreto” (FOUCAULT, 1999, p.434). Desse modo, o homem pode perceber/pensar sua condição de infinitude, ou seja, a partir da intimidade das empiricidades constatadas em seu caminhar monótono, o homem tem as possibilidades, porque as empiricidades lhe oferecem as formas de perceber que ele não é infinito. Assim, Foucault chama a atenção para o jogo empírico-transcendental que constitui a natureza do conhecimento humano.

Vejamos então como é constituído esse jogo para o pensamento moderno, segundo o filósofo:

[...] para o pensamento moderno, a positividade da vida, da produção e do trabalho (que têm sua existência, sua historicidade e suas leis próprias) funda, como sua correlação negativa, o caráter limitado do conhecimento; e, inversamente, os limites do conhecimento fundam positivamente a possibilidade de saber, mas numa experiência sempre limitada, o que são a vida, o trabalho e a linguagem. (FOUCAULT, 1999, p.436)

Observamos que, para o pensamento moderno, os conteúdos empíricos não mais se voltam para a representação, estão dissociados dela; assim, torna-se inútil pensar uma metafísica do infinito, pois a vida, o trabalho e a linguagem, quer dizer, os conteúdos empíricos, limitam o conhecimento, e, inversamente, o conhecimento também limita os conteúdos empíricos; por isso, a finitude remete a si mesma. Esta constatação nos conduz a outra imanente a ela, a saber, o homem enquanto duplo empírico-transcendental.

Se o homem é duplo empírico-transcendental, ele “não se pode dar na transparência imediata e soberana de um *cogito*; mas tampouco pode ele residir na inércia objetiva daquilo que, por direito, não acede e jamais acederá à consciência de si” (FOUCAULT, 1999, p.445).

Justamente essa verificação de Foucault sobre o duplo empírico-transcendental suscita um outro ponto que especialmente nos interessa: o impensado. Para discorrermos sobre ele, verifiquemos a abordagem do filósofo:

Porque é duplo empírico-transcendental, o homem é também o lugar do desconhecimento — este desconhecimento que expõe sempre seu pensamento a ser transbordado por seu ser próprio e que lhe permite, ao mesmo tempo, se interpelar a partir do que lhe escapa. É essa a razão pela qual a reflexão transcendental, sob sua forma moderna, não mais encontra o ponto de sua necessidade, como em Kant, na existência de uma ciência da natureza (à qual se opõem o combate perpétuo e a incerteza dos filósofos), mas na existência muda, prestes porém a falar e como que toda atravessada secretamente por um discurso virtual, desse não-conhecido a partir do qual o homem é incessantemente chamado ao conhecimento de si. A questão não é mais: como pode ocorrer que a experiência da natureza dê lugar a juízos necessários? Mas sim: como pode ocorrer que o homem pense o que ele não pensa, habite o que lhe escapa sob a forma de uma ocupação muda, anime, por uma espécie de movimento rijo, essa figura dele mesmo que se lhe apresenta sob a forma de uma exterioridade obstinada? (FOUCAULT, 1999, p.445)

Chegamos aqui às questões que mais nos interessam neste artigo: o desconhecido, ou impensado, inerente ao homem e o discurso poético, este enquanto manifestação das proposições acerca do desconhecimento peculiar ao homem. A proposta do *cogito* moderno é distanciada do *cogito* cartesiano porque o moderno se sustenta no não-pensado, naquilo que, muitas vezes, é inerente ao homem e não pode ser transposto pela linguagem que se ocupa em nos informar algo sobre o conhecimento humano, portanto, por uma linguagem transparente. Neste sentido, o impensado pode ser-nos proporcionado pela opacidade da linguagem poética. O discurso poético, porque desinteressado na plenitude da verdade, preocupa-se com o ser, com o homem; não se preocupa com a possibilidade de um conhecimento, ao contrário, preocupa-se com o desconhecido, com o impensado, com aquilo que, de outra maneira, dificilmente poderia ser proporcionado ao homem, a saber, a reflexão sobre sua própria condição.

A questão do impensado levantada por Michel Foucault remete-nos a outros textos. Primeiramente, ao texto de Heidegger, “O que quer dizer pensar?”. Nele o Autor faz, de certa forma, a aproximação sugerida acima, quando, a partir de um esboço de Hölderlin, sob o título *Mnemosyne*, diz que “Toda criação poética surge quando se cultiva o pensar da lembrança” (HEIDEGGER, 2002, p.118). A respeito da memória, diz o filósofo alemão que ela não apenas conserva o passado na representação, mas “pensa o pensado”, “é a concentração do pensar da lembrança daquilo que, antes de tudo e antes de mais nada, cabe pensar” (HEIDEGGER, 2002, p.118). Essa concentração abriga em si o “a-se-pensar em tudo o que se anuncia como o vigente e o vigor de ter sido” (HEIDEGGER, 2002, p.118).

Levemos em consideração que só podemos pensar sobre aquilo que já esteve de algum modo vigente na memória. No entanto, o pensar em questão se refere à constituição de um meditar ainda não sustentado pelas categorias predicativas, ou seja, à possibilidade de se constituir um pensar não fixado por paradigmas filosóficos (nesse sentido, um pensar o impensado). É para esse pensar que o discurso poético aponta, ou, melhor dizendo, este sugere aquele. E Heidegger argumenta que, para a “Memória, o pensar concentrado da lembrança do que cabe pensar, é a fonte da poesia. Por isso, o modo próprio de ser da poesia se funda no pensar” (HEIDEGGER, 2002, p.118). O filósofo chama ainda a atenção para o fato de que, “em nosso tempo, que muito dá a pensar, o que cabe mais cuidadosamente pensar mostra-se no fato de ainda não pensarmos, isto é, de ainda não correspondermos propriamente ao que mais cuidadosamente cabe pensar” (HEIDEGGER, 2002, p.121). Dessa forma, incita a pensar o impensado. Tarefa com que se tem ocupado a poesia.

Um outro texto, a que nos remete o texto de Foucault, é o poema dramático de Fernando Pessoa intitulado *O marinheiro* (PESSOA, 1986). Sem fazer o resumo do trecho, levemos em consideração o questionamento suscitado pelas personagens sobre a própria existência, a dúvida, que em determinado momento surge em relação às próprias existências. Esse traço também se aproxima do impensado de Foucault, na medida em que essa consideração passa a ser pertinente ao pensamento moderno. Logo, o que chamamos de impensado no poema dramático em questão se apresenta enquanto a constituição de um pensamento ainda não sustentado pelos previstos paradigmas da filosofia ocidental, ou melhor, um pensamento que seja capaz de apreender a essência do próprio ser. Tal missão, diga-se nada simplificadora, é pertinente ao discurso poético, que confere à sua própria essência pensar o impensado.

Sabemos que à leitura do texto pessoano cabem outras relações mais aprofundadas. No entanto, não é esse nosso intuito no momento, já que, neste trabalho, nos servimos apenas de alguns apontamentos sugeridos pelo texto de Michel Foucault. Acreditamos, assim, que, embora com esta brevidade, tenhamos conseguido apontar para alguns dos aspectos relevantes na filosofia do pensador francês.

ABSTRACT

In the book The order of things (Les mots et les choses), chapter 9, "Man and his doubles", the philosopher Michel Foucault broaches the question of language, of discourse which constitutes the being of man. Taking into account Foucault's considerations on language and other aspects concerning modern philosophy, we briefly propose a relation between the unthought and the poetic discourse.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Language. Philosophy. Poetic discourse.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. O homem e seus duplos. In: _____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad.: Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.417-473.
- HEIDEGGER, M. O que quer dizer pensar? In: _____. **Ensaio e conferências**. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.p.111-124.
- PESSOA, F. O marinheiro. In: _____. **Obra poética**. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.p.609-619.